

## Catch up. Developing countries in the World Economy\*

De Deepak Nayyar

Oxford University Press / Oxford, 2013

|| Rosa Freire d'Aguar

**D**eepak Nayyar é nome respeitado não só na Índia, onde é professor emérito da Jawaharlal Nehru University de New Delhi, nos Estados Unidos, onde ensina na New School for Social Research de Nova York, na Inglaterra — estudou e lecionou em Oxford —, como em todos os círculos internacionais em que se discute o desenvolvimento numa perspectiva global e interdisciplinar. Exerceu funções no governo da Índia e em organizações e comissões como o WIDER, sediado na Finlândia, e o South Centre. Ano passado, a convite do Centro Celso Furtado, esteve no Brasil para abrir seu I Congresso Internacional e ministrar um curso sobre a Índia.

Seu novo livro fala dos processos de Catch up dos países em desenvolvimento (PD). Se a expressão já está incorporada ao jargão dos economistas, demanda, porém, tradução: trata-se do processo pelo qual os países em desenvolvimento tentam alcançar o patamar dos desenvolvidos, promovendo, por um salto que se quer qualitativo, uma recuperação do atraso, ou mesmo uma equiparação de seus índices econômicos e sociais aos dos países industrializados. Deepak Nayyar ensaia uma visão global na interseção da economia e da história. Se o livro é

mais dirigido a economistas, cada questão é também estudada em sua moldura histórica e política, o que abrange leitores interessados em temas afins com as relações internacionais e outras ciências sociais. A perspectiva histórica traçada pelo autor remonta aos anos 1000, quando todos no mundo éramos mais ou menos iguais em termos de renda *per capita* e PIB, sendo a primeira, segundo cálculos de Maddison, de cerca de 430 dólares anuais.

Quando começou a distinção entre ricos e pobres, entre o West e The Rest, isto é, entre o Ocidente e o Resto do mundo? Quando os atuais PD começaram seu declínio? Uma curiosa comparação, a despeito de seu caráter aproximativo, fala por si: em torno do ano 1000, Ásia, África e América do Sul (The Rest) detinham 83% da renda mundial (e 82% da população). Entre 1500 e 1820, com uma divisão demográfica mundial praticamente idêntica, a renda dessas 3 regiões caía para 63%. E entre 1820 e 1950, como consequência da expansão colonial e da divisão internacional do trabalho, o PNB do West mais que dobra — passa de 37% para 73% — e o do Rest despenca de 63% para 27%.

Boa parte do livro de Nayyar estuda os dois séculos e pouco que vão de 1820 a 1950, quando a Europa vive o boom da Revolução Industrial, do colonialismo, das guerras pela hegemonia mundial e do imperialismo. Aí se dão a ascensão do West e o declínio do Rest (com exceções na América Latina). Aí se instaura a chamada Grande Divergência que dividirá o mundo em dois blocos, o dos “industrializados” e o dos “atrasados”, ou “subdesenvolvidos”, hoje chamados “em desenvolvimento”. É quando se alarga

321-323

>>

\* Título provisório em português: *A Corrida para o crescimento. Países em desenvolvimento na economia mundial*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Contraponto/Centro Celso Furtado, 2014 (no prelo).

brutalmente o fosso entre eles, embora, concomitantemente, seja o momento da revolução nos transportes, com o trem, o navio a vapor e o telégrafo unificando o mundo e solidificando a economia mundial.

O período mais minuciosamente estudado no livro é, porém, o que se segue: as seis décadas que vão de 1950 a 2010. É este que os especialistas em história econômica chamam de Grande Convergência. Para Nayar, no entanto, mais se trata de “modesta convergência”. Esse período tem início na era pós-colonial. Sem dúvida, é o da ascensão dos PD em termos de população, de participação na renda mundial, no comércio internacional, na produção industrial. O autor o subdivide em dois: de 1950 a 1980, o mais próspero para muitos PD, e ainda sem a ascensão da potência chinesa; e de 1980 a 2008, quando já muitos entram em marcha lenta. Faz um histórico dos Catch ups, dedicando um longo e aprofundado capítulo ao papel da industrialização como motor dessa engrenagem. Analisa-os também de outros pontos de vista, como o dos investimentos e da participação no comércio internacional. Um aspecto estudado, pouco presente no horizonte brasileiro, é o das migrações, que foi e é outra importante alavanca do Catch up de vários países. O autor cita um dado que nos faz refletir no fenômeno da transumância: entre 1951 e 1975, só a Europa recebeu 10 milhões de imigrantes vindos dos países do Resto. Nos Estados Unidos, entre 1976 e 2000, entraram quase 17 milhões de imigrantes. As remessas de dinheiro de imigrantes na economia mundial atingiram, em 2010, nada menos que 444 bilhões de dólares. As dos imigrantes para os PD, onde têm inegável impacto econômico, chegaram a 297 bilhões de dólares.

O que leva Nayar a falar de “modesta convergência” é, acima de tudo, a constatação de que nas seis décadas entre 1950 a 2010, apenas 14 países do vasto Resto conseguiram dar o salto do Catch up.

E, mesmo nesses, o processo foi acompanhado de enormes disparidades. São esses países (sua lista difere ligeiramente da de outros autores): quatro na América Latina — Brasil, Argentina, México e Chile —, mais China, Egito, Índia, Indonésia, Coreia do Sul, Malásia, África do Sul, Taiwan, Tailândia, Turquia. Já nas páginas conclusivas do livro o autor apresenta um feixe de perguntas cujas respostas corroboram a tese de que o avesso das altas performances de uns foi a acentuada exclusão de outros. Amparado em uma profusão de quadros e tabelas (muitos elaborados pelo autor), ele demonstra como o aumento da riqueza mundial, sobretudo desde meados do século XX, foi distribuído de forma extremamente desigual. Em outras palavras, diria Celso Furtado, o crescimento não se transformou em desenvolvimento.

É que segundo o autor o processo não se limita — longe disso — a ter ou não oportunidades tecnológicas. Nayar insiste muito na necessidade de um país pensar no fortalecimento de suas capacidades sociais e instituições, que são dimensões essenciais do Catch up mas mais difíceis de serem postas em prática, porque mais lentas a ser criadas. Do contrário, a convergência e a divergência entre países em desenvolvimento e industrializados serão simultâneas, por vezes a primeira sendo anulada pela segunda. E o futuro? Por ora, diz ele, nenhum desses 14 países consegue sustentar o processo. A menos que deem um salto tecnológico, ficarão no nível de fabricação de componentes e operações de montagem. Nenhum chegou sequer à fronteira da tecnologia a ponto de liderar a inovação. A questão se agrava quando se verifica que em cada um deles persiste o quadro de “desigualdade, exclusão e pobreza”. No mais, ainda é de tal grandeza a exclusão de países, e de regiões dentro de países, que “certos espaços geográficos estão praticamente imunes ao processo de desenvolvimento” (p. 184).

Deepak Nayar conclui com algumas considerações: 1) a globalização acentuou a tendência ao aumento das desigualdades de renda: os ricos ficaram mais ricos, os pobres, mais pobres; em outras palavras, os mecanismos de mercado tenderam a acentuar as desigualdades tanto no interior dos países desenvolvidos como nos em desenvolvimento; 2) a desigualdade entre países e populações permanece em níveis elevados, apesar dos sucessivos Catch ups; via de regra os PD ainda sofrem com problemas paralelos ao crescimento: infraestrutura pobre, instituições subdesenvolvidas, educação inadequada, fraca governança, exclusão; 3) a questão-chave nesta segunda década do século 21 é saber quando e como o resto do Resto seguirá os que estão na vanguarda. Inversamente, por quanto tempo poderão se manter a reboque.

Está claro, ao final da leitura, que os Catch ups são necessários mas estão longe de ser suficientes para melhorar as condições de vida da população mundial. O livro termina com um toque que só não chega a ser mais pessimista porque, para o autor, o mundo está num interregno. A ressurgência da Ásia, particularmente da China, ainda não é ampla o bastante, no contexto da economia mundial, para inverter a balança hegemônica, mas um início da mudança “com alguma erosão da hegemonia é visível”. Nesse interregno todas as possibilidades parecem abertas, mesmo e sobretudo a do crescimento inclusivo, com criação de emprego e erradicação da pobreza.

§